

PERSONAGENS

ANDREI ANDREIEVICH SHIPUCHIN

Presidente da direcção da «Sociedade de Crédito Mútuo».

Homem de meia idade. Usa monóculo.

TATIANA ALEXEIEVNA

Sua mulher de vinte e cinco anos.

KUSMA NIKOLAIEVICH JIRIN

Velho guarda livros do banco.

NASTASIA FEODOROVNA MERCHUTKINA

Velha, envergando trajos antiquados.

ACCIONISTAS DO BANCO
EMPREGADOS DO BANCO

A acção

passa-se num gabinete

do Banco «Sociedade de Crédito Mútuo».

Gabinete do Presidente da Direcção. A esquerda, uma porta comunicando com as diferentes repartições do banco. Duas escrivaninhas. A sala está mobilada com pretensões a luxo e elegância. Os móveis têm estofos de pelúcia. Flores, estatuetas, tapetes, telefone. É meio dia.

Jirin está sòzinho. Calça sapatos de quarto.

JIRIN (gritando, na direcção da porta). — Mandem à farmácia buscar quinze copeks de gotas de valeriana. E tragam também água fresca ao gabinete do sr. Presidente. É preciso dizer as coisas mais de cem vezes. (aproxima-se da sua escrivaninha). Estou completamente esgotado. Há quatro dias que passo todo o meu tempo a escrever, sem sequer poder fechar os olhos. Escrevo todo o dia aqui e depois, toda a noite, em minha casa. (tosse). E para cúmulo, a gripe, esta maldita gripe, em todo o corpo! Calafrios, febre, tosse, as pernas desfeitas e nos olhos uma espécie de interjeição... (senta-se). O sr. Presidente da Assembleia, diabos o levem, tem de fazer hoje o discurso, na assembleia geral. «O nosso banco no presente e no passado». Valente Gambetta, vejam bem. (escreve) Dois... um... seis... zero... sete... depois seis... zero... um... seis. Ele gosta de pôr as pessoas de boca aberta e eu é que tenho que estar para aqui, a trabalhar como um forçado... O seu discurso vai ser pura poesia, mas para isso tenho que passar dias inteiros a fazer cálculos. (escreve). Não consigo suportar isto. Continuemos: um... três... sete..

três... um... zero... Prometeu-me uma gratificação. Se hoje tudo correr bem e conseguir impressionar o auditório, prometeu dar-me uma medalha de ouro e trezentos rublos de gratificação... Vamos a ver. (escreve). Mas se me obrigas a fazer este trabalho para nada, então, meu velho, toma cuidado... Eu sou um homem irascível, meu velho, sou mesmo capaz de cometer um crime... Um crime, sim... (aplausos dentro e voz de Shipuchin: «Obrigado! Obrigado! Estou profundamente emocionado!»). Entra Shipuchin de fraque e gravata branca, com um album que acabam de lhe oferecer).

SHIPUCHIN — O vosso presente, meus caros colaboradores, hei-de conservá-lo até à minha morte como uma recordação do dia mais feliz da minha vida. Sim, meus queridos amigos, mais uma vez, obrigado! (atira um beijo com a mão e aproxima-se de Jirin). Meu caro, meu respeitável Kusma Nikolaievich! (durante todo o tempo que Shipuchin está em cena, entram empregados com documentos que ele assina e depois saem).

JIRIN — (levantando-se) Andrei Andreievich, tenho a honra de felicitar vossa senhoria pelo décimo quinto aniversário do nosso banco e desejar-lhe...

SHIPUCHIN — (apertando-lhe a mão com toda a força). Obrigado, meu caro amigo, obrigado! Julgo que num dia tão significativo como o de hoje é permitido abraçar-me... (abraçam-se). Estou muito, mesmo muito contente. Bem haja pelos seus serviços... por tudo, bem haja por tudo... Se fiz alguma coisa de útil durante o tempo que tenho tido a honra de ser o Director deste banco, devo-o, em primeiro lugar, aos meus colaboradores. (suspira). Sim, meu amigo, quinze anos! Quinze anos! (vivamente) E o meu discurso? Está adiantado?

JIRIN — Só faltam cinco páginas.

SHIPUCHIN — Magnífico! Está pronto às três horas?

JIRIN — Se ninguém me vier incomodar. Já falta pouco.

SHIPUCHIN — Magnífico! Magnífico! Tão certo como me chamar Shipuchin. A assembleia geral e às quatro. Faça-me o favor, meu caro, dê-me a primeira parte, para eu a ir estudando... Depressa... (paga no discurso). Deposito grandes esperanças neste discurso... É a minha profissão de foi (!)... ou melhor... a minha sessão de fogo de artifício... Fogo de artifício... Tão certo como me eu chamar Shipuchin. (senta-se e lê o discurso em silêncio). Palavra que estou terrivelmente cansado... A noite passada, tive um ataque de gota. Passei toda a manhã em corridas e diligências. Depois todas estas emoções, ovações, agitações... Estou tão fatigado!

JIRIN — (escrevendo) Dois... zero... zero... três... nove... dois... zero... As cifras bailam-me diante dos olhos... Três... um... seis... quatro... um... cinco...

SHIPUCHIN — Outro aborrecimento... Esta manhã, sua mulher foi outra vez a minha casa queixar-se da sua conduta. Disse-me que, ontem à noite, a perseguia, a ela e à cunhada, empunhando uma faca. Valha-o Deus, Kusma Nikolaievich! Ai! Ail Ail

JIRIN — (severamente) Permita-me, Andrei Andreievich, que, por ocasião deste aniversário, lhe faça um pedido. Suplico-lhe, ainda que não seja senão em consideração ao meu trabalho de forçado! Não se meta na minha vida particular. Peço-lhe encarecidamente.

SHIPUCHIN — (suspira) Você tem um carácter impossível, meu caro Kusma Nikolaievich! É um excelente

(1) Em francês no original.

homem, respeitável, mas com sua mulher porta-se como se fosse um verdadeiro Jack, o estripador. Palavra! Não consigo entendê-lo. Porque é que as detesta tanto?

JIRIN — E eu não compreendo porque gosta tanto delas.

(Pausa).

SHIPUCHIN — Os empregados ofereceram-me um album e os accionistas do banco, pelo que me chegou aos ouvidos, pensam entregar-me um pergaminho e uma taça de prata... (brinca com o monóculo) Tão certo como me chamar Shipuchin. E porque não? A reputação dum banco exige uma certa pompa, que diabol! Você é cá dos nossos e por consequência já está ao corrente de tudo... O pergaminho foi redigido por mim e também fui eu quem comprou a taça de prata... Além disso, gastei 45 rublos para mandar encadernar o pergaminho. Todas estas coisas são necessárias e se nas pomos à espera que elas se dêem... (olha à sua volta). Que mobília, que mobília! Dizem, por exemplo, que sou um homem que só me interessa com ninharias, que a única coisa que me preocupa é que os puxadores estejam bem limpos, que os empregados usem gravatas à moda e que à entrada haja um porteiro gordo. Mas não, meus senhores! Os puxadores limpos e o porteiro gordo não são ninharias. Em minha casa, posso portar-me como um burguês, comer e dormir como um porco, beber como um alcoólico até rebentar...

JIRIN — Nada de insinuações, peça-lhe.

SHIPUCHIN — Mas eu não estou a insinuar nada! Que carácter impossível! Bem, eu lhe digo: Em minha

casa, posso ser um burguês, um parvenu (!) e fazer o que muito bem me apetecer, mas aqui tudo deve ser feito *en grand* (!). Aqui estamos num banco! Aqui cada homem deve causar impressão e ter um ar solene. (apanha um papel e atira-o ao fogão). O meu mérito está precisamente no facto de ter elevado tão alto o prestígio do banco! É uma grande coisa o tom! É uma grande coisa, tão certo como eu me chamar Shipuchin. (depois de ter contemplado Jirin) Meu caro amigo, a delegação dos accionistas pode entrar dum momento para o outro e você em sapatos de quarto e com esse cachene, à volta do pescoço e esse casaco duma cor incrível. Devia vestir um fraque, ou, pelo menos, uma sobrecasaca...

JIRIN — A mim interessa-me mais a minha saúde de que todos os accionistas do banco. Estou terrivelmente cansado.

SHIPUCHIN — (agitado, nervoso) Mas isso é uma falta de ordem. Você dá cabo de todo o conjunto!

JIRIN — Se chegar a delegação, eu escondo-me. Não lem importância... (escreve) Sete... um... sete... dois... um... cinco... zero... Também não me agrada nada a desordem... Três... dois... nove... E fazia bem não convidar as senhoras para o jantar do aniversário.

SHIPUCHIN — Que ninharias!...

JIRIN — Eu sei: para dar mais *chic* (!) ao acto vai encher a sala com elas, mas ouça bem, elas vão estragar tudo. Delas provem toda a casta de males e desordens.

SHIPUCHIN — Pelo contrário, a presença de mulheres eleva!

(!) Em francês no original.

JIRIN — Sim... Olhe, sua esposa, por exemplo, é uma senhora culta, mas apesar disso, na segunda-feira passada, saiu-se com uma tão grande que eu, dois dias depois, ainda andava com o coração nas mãos. De repente, no meio de estranhos, perguntou-me: «É verdade que meu marido comprou para o nosso banco uma grande quantidade de acções do Banco Driajsko — Priajski, essas mesmas que sofreram uma baixa na bolsa? Oh, meu marido anda tão preocupado!» E tudo isto diante de estranhos. Palavra que não entendo que necessidade tinha o senhor de lhe fazer essas confidências! Quer ir parar ao tribunal?

SHIPUCHIN — Basta! Basta! É uma conversa demasiado lúgubre para um aniversário. A propósito. (vê o relógio). Minha mulher deve estar a chegar. Na verdade devia ir à estação esperar a pobrezita, mas não tenho tempo e... estou tão cansado! Confesso que me alegro a sua chegada... Quer dizer, estou contente, mas era mais agradável para mim que ficasse mais um ou dois dias com a mãe. Vai insistir que passe toda a noite com ela, e tinha-se projectado uma fugazita depois do jantar... (estremece) Lá começo eu a sentir umas tremuras. Os meus nervos estão tão tensos que sou capaz de desatar a chorar sem motivo aparente. Não, tenho que ser forte, tão certo como me chamar Shipuchin. (entra Tatiana Alexeievna, de casaco comprido e um saco de viagem ao ombro).

SHIPUCHIN — Ah, falai no mal...

TATIANA — Querido! (corre para ele e beija-o)

SHIPUCHIN — Estávamos a falar de ti.

TATIANA — (respirando a custo). Aborreceste-te muito sem mim? E a tua saúde? Ainda não fui a casa, venho direita da estação. Tenho tantas coisas para te

contar... e já... Não tiro o casaco, não me demoro nada. (para Jirin). Bom dia, Kuzma Nikolaievich! (para o marido). E lá por casa, tudo bem?

SHIPUCHIN — Tudo bem! Ora vejamos! Engordaste e estás mais bonital! Como correu a viagem?

TATIANA — Muito bem. A mamã e a Katia mandam-te saudades. Vassili Andreievich manda-te um abraço. (abraça Shipuchin). A tia envia-te um frasco de doce e estão todos zangados contigo, porque não lhes escreves. Beijos da Zira. (beija-o) Ah, se tu soubesses o que se passou! O que se passou! Até tenho medo de te contar. Ah, o que se passou! Mas vejo nos teus olhos, que não estás contente por eu ter voltado.

SHIPUCHIN — Pelo contrário... meu amor... (beija-a. Jirin tosse de raiva).

TATIANA — (suspira) Ah, pobre Katia! Pobre Katia! Fez-me tanta pena, tanta pena.

SHIPUCHIN — Meu amor, hoje é o aniversário do banco, a delegação dos membros do conselho pode chegar dum momento para o outro, e tu não estás convenientemente vestida.

TATIANA — É verdade, é o aniversário do banco. Parabéns, meus senhores... Desejo-vos... Então hoje é a reunião, o jantar... Como estou contenta! E o magnífico discurso que tu andavas a escrever há tanto tempo para os membros do conselho? Vais lê-lo hoje?

(Jirin tosse).

SHIPUCHIN — (envergonhado, confuso) Meu amor, não há tempo para falar nessas coisas. Era melhor ires já para casa.

TATIANA — Vou já, vou já. Conto-te tudo num ins-

tantinho e depois vou. Tenho de começar pelo princípio. Quando me deixaste no comboio, lembras-te? sentei-me ao lado daquela senhora gorda, e pus-me a ler. Não gosto de falar no comboio. Li durante três estações seguidas, sem proferir uma única palavra. Depois caiu a noite, e assaltaram-me os pensamentos mais sombrios... Na minha frente, ia sentado um jovem, nada feio, moreno... Trocámos algumas palavras... Depois veio um marinheiro, e depois um estudante... (ri-se) Disse-lhes que era solteira. Como eles me fizeram a corte! Tagarelámos até à meia-noite. O jovem moreno contou anedotas terrivelmente engraçadas e o marinheiro não parava de cantar. Eu não podia rir mais... E quando o marinheiro — ah, os marinheiros! — quando o marinheiro soube, por acaso, que eu me chamava Tatiana, queres saber o que se pôs a cantar? (canta, com voz de baixo) «Onieguim, não posso ocultar-te, amo Tatiana loucamente» (!) (ela ri às gargalhadas. Jirin tossa).

SHIPUCHIN — Mas, minha Taniuska, estamos a encomodar Kuzma Nicolaievich. Vai para casa, meu amor... Depois, mais logo... contas-me tudo...

TATIANA — Não tem mal, não tem mal, ele também pode ouvir. É muito engraçado! Eu acabo já. Foi o Sergei que me veio esperar à estação... De repente, apareceu não sei que jovem... — ...um inspector de impostos, acho eu... bonito... simpático... com uns olhos... Sergei apresentou-me e fomos todos os três... Estava um tempo magnífico...

(ouve-se uma voz: «Não! Não! se pode entrar! Que deseja»? Entra Merchutkina).

(!) Da ópera «Eugénio Onieguim» de Tchaikovsky sobre texto de Pushkin.

MERCHUTKINA (à porta) — Porque me agarra? Que coisa! Quero vê-lo em pessoa. (entra. Dirigindo-se a Shipuchin). Tenho a honra, excelência... Sou a esposa do secretário da Câmara, Nastasia Feodorovna Merchutkina, uma sua criada.

SHIPUCHIN — Que deseja?

MERCHUTKINA — Meu marido, excelência, que é secretário da Câmara, está doente há cinco meses, e enquanto se encontrava em casa, em tratamento, despediram-no sem qualquer razão, excelência. Eu, quando fui receber o seu ordenado, veja bem vossa excelência, descontaram-me vinte e cinco rublos e trinta e seis copeks. «Porquê»? perguntei eu. «Porque» disseram-me eles «ele pediu-os emprestados à Caixa de Auxílio Mútuo». Mas como poderia ser isso? Pedir esse dinheiro sem o meu consentimento? Não pode ser, excelência. Eu sou uma mulher sem rendimentos. Apenas tenho uns inquietos que me ajudam a viver... Sou fraca... sem defesa... Sofro agravos de todos, ninguém me ajuda.

SHIPUCHIN — Permita-me...

TATIANA (a Jirin) — Tenho de começar pelo princípio... Na semana passada recebi, de repente, uma carta da mamã. Escrevia-me a dizer que um tal Grendilevki pedira a mão da minha irmã Katia. É um jovem encantador, modesto, mas infelizmente sem fortuna e sem qualquer posição. E para cúmulo, imagine, a Katia apaixonou-se por ele. Que fazer? A mamã escreveu-me para eu ir ver se convencia a Katia...

JIRIN (severamente) — Desculpe, mas a senhora baralha-me as ideias... Que a senhora, a mamã e Katia... Só consegui reter isto e não estou a compreender nada.

TATIANA — Pois quando uma senhora fala, devia prestar-lhe mais atenção. Porque é que está hoje tão aborrecido? Apaixonou-se por alguém? (ela ri).

SHIPUCHIN (a Merchutkina) — Permita-me, como devo fazer? Eu não entendo nada...

TATIANA — Está apaixonado? Ah! Ah! Pôs-se corado!

SHIPUCHIN (à mulher) — Taniuska, meu amor, vais, por uns momentos apenas, para o escritório do lado? Eu já vou ter contigo.

TATIANA — Está bem! (sai).

SHIPUCHIN — Não compreendo. Seguramente a senhora está enganada. Nós não temos nada a ver com o seu pedido. Tenha o incómodo de se dirigir à repartição, onde seu marido trabalha.

MERCHUTKINA — Já estive lá, em cinco lugares diferentes, meu bom senhor. Mas em parte alguma, quiseram receber o meu pedido. Já tinha perdido a cabeça quando, Deus de misericórdia, meu genro me aconselhou a procurá-lo: «A minha querida mamã devia ir procurar o senhor Shipuchin, que é um homem inteligente, que pode tudo...». Ajude-me, excelência!

SHIPUCHIN — Senhora Merchutkina, nós não podemos fazer nada pela senhora. Queira fazer o favor de atender: o seu marido, pelo que compreendi, era um empregado da Câmara, enquanto que isto aqui é um estabelecimento puramente particular, comercial. É um banco. É fácil de compreender!

MERCHUTKINA — Excelência, eu tenho em meu poder um atestado médico que certifica a doença de meu marido. Ei-lol Queira dar-lhe uma vista de olhos.

SHIPUCHIN (irritado) — Perfeitamente, eu acredito na senhora, mas repito, não temos nada que ver com esse assunto.

(Ouve-se, fora, Tatiana a rir-se e depois o riso de um homem).

SHIPUCHIN (Olhando para a porta) — Está a distrair os empregados. (para Merchutkina). É estranho! Será possível que seu marido não saiba a quem se há-de dirigir?

MERCHUTKINA — Que quer Vossa Excelência? Ele nunca sabe nada. Apenas se limita a repetir. «Não é da tua conta. Vai-te». E nada mais.

SHIPUCHIN — Mas repito-lhe, minha senhora, que seu marido estava empregado num estabelecimento público, e isto aqui é um banco, uma empresa particular, comercial...

MERCHUTKINA — Eu sei... eu sei... Compreendo muito bem, meu bom senhor. Nesse caso, excelência, mande que me paguem quinze rublos. Consinto em não receber tudo duma vez.

SHIPUCHIN (suspira) — Safa!

JIRIN — Por este andar nunca mais acaba o meu trabalho.

SHIPUCHIN — Um momento! (para Merchutkina). Será possível que a senhora não entenda? Ouça-me, de uma vez para sempre: Dirigir-se a nós com um pedido desses é tão pouco lógico, como, por exemplo, apresentar um pedido de divórcio numa farmácia ou na direcção dos impostos.

(batem à porta. Voz de Tatiana: «Pode-se entrar, Andrei?»).

SHIPUCHIN (gritando) — Um momento, querida, um momento. Já vou. (para *Merchutkina*) Não lhe pagaram tudo? E nós que temos que ver com isso? Além demais, minha senhora, hoje é o dia do nosso aniversário, estamos ocupados, podem chegar de um momento para o outro... Desculpe...

MERCHUTKINA — Tenha piedade de mim, que sou uma pobre orfã, excelência! Sou uma mulher fraca, indefesa... sem forças... Tenho de me ocupar de tudo, dos processos com os inquilinos, tratar dos assuntos de meu marido, e da casa e, para cúmulo, calcule, meu genro está desempregado...

SHIPUCHIN — Senhora *Merchutkina*, eu... não, desculpe-me, não posso falar com a senhora... Tenho vertigens! A senhora incomoda-nos e perde o seu tempo inutilmente. (suspira) *Kuzma Nikolaievich*, faça o favor de explicar a esta senhora... (faz um gesto com a mão e sai).

JIRIN (aproxima-se de *Merchutkina*, com rudeza) — Que deseja?

MERCHUTKINA — Sou uma mulher fraca, indefesa... Aparentemente pareço ser robusta, mas, na verdade, sou muito doente. Tenho uma pontada aqui e perdi todo o apetite. Esta manhã, tomei o café sem qualquer prazer...

JIRIN — Volto a perguntar-lhe: Que deseja?

MERCHUTKINA — Meu bom senhor, mande que me paguem já quinze rublos e o resto, no prazo dum mês se quiser...

JIRIN — Mas parece-me que já lhe disseram: Isto aqui é um banco.

MERCHUTKINA — Sim, sim, eu sei... Se for necessário, posso apresentar um atestado.

JIRIN — Que tem sobre os ombros? Uma cabeça ou quê?

MERCHUTKINA — Mas, meu senhor, eu estou a fazer um pedido justo.

JIRIN — Volto a perguntar-lhe: *Madame*, (1) é uma cabeça que tem sobre os ombros ou quê? Com mil diabos! Eu não tenho tempo para discutir com a senhora. Estou muito ocupado. (apontando para a porta) Faça o favor!

MERCHUTKINA (surpreendida) — Mas, então? O meu dinheiro?...

JIRIN — Já estou a ver que não tem uma cabeça sobre os ombros mas isto... (bate com os dedos no tampo da mesa e depois na festa).

MERCHUTKINA (vexada) — O quê? Tenha cuidado! Pode fazer isso à sua mulher! Eu sou casada com um secretário da Câmara. Tome cautela comigo.

JIRIN (zangado, a meia voz) — Ponha-se a andar.

MERCHUTKINA — Então! Então! Acalme-se!

JIRIN (a meia voz) — Se não sai imediatamente, chamo o porteiro, Ponha-se a andar! (bate com os pés).

MERCHUTKINA — Cautela! Cautela! Eu não tenho medo!

JIRIN — Nunca na minha vida vi um ser mais repugnante. Uf! O sangue subiu-me à cabeça! (respira com

(1) Em francês no original.

dificuldade). Repito-o pela última vez, minha velha bruxa. Está a ouvir-me? Se não sai imediatamente, desfaça-a em pó. Tenho um tal génio que sou capaz de deixá-la inválida para o resto da vida. Até sou capaz de cometer um crime.

MERCHUTKINA — Isso entra-me por um ouvido e sai-me pelo outro. O senhor não me assusta. Conheço muita gente da sua laia.

JIRIN (desesperado) — Já não posso vê-la. Estou a sentir-me mal. Não posso mais. (senta-se à sua mesa). Dizem que isto é um banco de mulheres. Não consigo acabar o relatório. Não consigo!

MERCHUTKINA — Eu só lhe peço o que é meu, de acordo com a lei. Olhem que desavergonhado! De sapatos de quarto num lugar público. Seu parolol (entra Shipuchin e Tatiana).

TATIANA (seguida pelo marido) — Fomos a um baile em casa de Berezviki. A Katia levava um vestido de foulard (1) azul com rendas e decotado... O penteado alto ficava-lhe a matar. Fui eu mesma quem a penteou. Estava vestida e penteada de tal maneira que parecia um sonho.

SHIPUCHIN (que já se sente doente) — Sim... sim... um sonho. Eles podem chegar dum momento para o outro.

MERCHUTKINA — Excelência...

SHIPUCHIN (abatido) — Que mais temos? Que quer?

MERCHUTKINA — Excelência! (apontando Jirin). Aquele homenzinho ali... sim... aquele mesmo... Bateu

(1) Em francês no original.

assim na cabeça e depois na mesa. O senhor mandou-o tratar do meu caso e, ele... ele fez pouco de mim, e insultou-me. Eu sou uma mulher fraca, indefesa.

SHIPUCHIN — Está bem, minha senhora, eu vou ver... Vou tratar do seu caso. Vá-se embora... Depois... depois... (à parte) Ai que me está a dar um ataque de gotal!

JIRIN (aproximando-se de Shipuchin, em voz baixa) — Andrei Andreievich, mande-me chamar o porteiro para a pôr daqui para fora. Senão isto nunca mais acaba.

SHIPUCHIN (assustado) — Não, não! Ela vai desatar para aí aos gritos e põe o banco em sobressalto.

MERCHUTKINA — Excelência!

JIRIN (com voz chorosa) — Tenho de acabar o discurso! E não tenho tempo. (volta para a mesa). Já não posso mais!

MERCHUTKINA — Então, meu bom senhor, quando é que vou receber o meu dinheirinho? Preciso tanto dele hoje.

SHIPUCHIN (para si) — Que mulher horrível (para Merchutkina). Minha senhora, eu já lhe disse que isto aqui é um banco, uma empresa particular, comercial.

MERCHUTKINA — Tenha piedade, excelência, seja um verdadeiro pai de família... Se não chega o atestado médico, eu posso arranjar-lhe um certificado da polícia. Mande que me paguem o dinheiro.

JIRIN (suspirando) — Uf!

TATIANA (para Merchutkina) — Minha senhora, já lhe disseram que estava a incomodar! Seja razoável!

MERCHUTKINA — Minha filha, meu amor, ninguém toma a minha defesa. Todos pensam que como e bebo bem, mas hoje, até o meu cafêzinho não me soube a nada.

SHIPUCHIN (exausto, para Merchutkina) — Quanto quer?

MERCHUTKINA — Vinte e quatro rublos e trinta e seis copeks.

SHIPUCHIN — Está bem... (tira vinte e cinco rublos da carteira e estende-lhos) Aqui tem vinte e cinco rublos. E agora vá-se embora.

(Jirin tosse de raiva).

MERCHUTKINA — Agradeço-lhe do coração, excelência.

TATIANA (sentando-se ao pé de Shipuchin) — Tenho de ir a casa... (olha para o seu relógio). Mas ainda não acabei de contar tudo... É só um momento e depois vou-me embora. Ah, que história, que história!... Onde tínhamos ficado? Ah, já sei, no baile do Bereznitsky... Não esteve mal, muito divertido, mas nada de extraordinário. Granchilevski, aquele que morre de amores pela Katia, também estava lá, é claro. Eu falei com a Katia, chorámos as duas e lá consegui convencê-la. Nessa mesma noite, ela falou com Grendelevski e disse-lhe que não pensasse mais nela. Enfim, tudo se resolveu pelo melhor. Sossaguei a mamã, salvei a Katia, e pude também sentir-me tranquila. Mas queres saber o que aconteceu depois? Depois da ceia, andávamos as duas, a Katia e eu, a passear pelo parque e de repente... (agitada) De repente ouvimos um tiro! Não consigo falar nisto, sem sentir o coração aos saltos. (abana-se com o lenço) Não, não consigo!

SHIPUCHIN (suspirando) — Uf!

TATIANA (chorando) — Corremos na direcção donde partira o tiro e... e encontrámos o pobre Grandilevski... com uma pistola na mão...

SHIPUCHIN — Não, não posso mais! Não posso mais: (para Merchutkina) Ainda quer mais alguma coisa?

MERCHUTKINA — Excelência, o meu marido não pode voltar ao serviço?

TATIANA (a chorar) — Acertou em pleno coração... A Katia, a pobrezita, perdeu os sentidos... E ele também estava terrivelmente assustado... e começou a pedir que fossem buscar um médico. O médico não tardou a aparecer e salvou o infeliz rapaz...

MERCHUTKINA — Excelência, o meu marido não podia voltar ao serviço?

SHIPUCHIN — Não, já não posso mais. (chora) Ponha-a lá fora, ponha-a lá fora, peça-lhe.

JIRIN (aproximando-se de Tatiana) — Vá-se embora!

SHIPUCHIN — Não, essa não, a outra... esse horror! (aponta Merchutkina).

JIRIN (que não compreendeu, para Tatiana) — Vá-se embora! (batendo com os pés) Vá-se embora!

TATIANA — O quê? Como? Endoideceu?

SHIPUCHIN — É terrível! Sou um desgraçado! Ponha-a lá fora! Ponha-a lá fora!

JIRIN (para Tatiana) — Ponha-se a mexer daqui para fora! Senão deixo-a inválida! Vou fazer uma desgraça!

TATIANA (fugindo de Jirin, que a persegue) — Como se atreve? Insolente! (gritando) Andrei, salva-me! Andrei! (grita).

SHIPUCHIN (indo atrás deles)— Parem! Suplico-lhes! Tenham piedade de mim.

JIRIN (perseguido Merchutkina)— Ponha-se a andar! Agarrem-na! Batam-lhe! Degolem-na!

SHIPUCHIN (gritando) Basta! Peça-lhes! Suplico-lhes!

MERCHUTKINA — Meu Deus! Meu Deus! Meu Deus!

TATIANA (gritando).
— Socorro! Socorro! Ah! Ah! Sinto-me mal! Sinto-me mal! Sinto-me mal! (sobe a uma cadeira, e depois cai num sofá a gemer).

JIRIN (perseguido Merchutkina)— Batam-lhe! Degolem-na!

MERCHUTKINA — Ah! Ah! Meu Deus! Não vejo nada diante dos olhos. Ah! Ah! (cai desmaiada nos braços de Shipuchin. Batem à porta e uma voz anuncia: «A delegação»).

SHIPUCHIN — Delegação... reputação... ocupação...

JIRIN — Fora daqui! Que todos os diabos do inferno me levem! Deixem-me! Vou fazer uma desgraça!

(Entra a delegação composta por cinco cavalheiros todos de fraque. Um deles traz o texto do discurso encadernado em veludo e um outro, uma taça de prata. O pessoal do banco espreita pela porta. Tatiana está caída no sofá e Merchutkina nos braços de Shipuchin. Ambas gemem).

UM ACCIONISTA (lendo em voz alta): «Meu caro e estimado Andrei Andreievich. Dando uma vista de olhos sobre o passado da nossa instituição financeira, e percorrendo, com a ajuda da imaginação, o seu contínuo desenvolvimento, sentimos uma forte e agradável

impressão. Nos primeiros tempos da sua existência, é verdade, a exiguidade do capital base, a ausência de qualquer operação séria, assim como a incerteza dos nossos fins, fizeram-nos enfrentar o problema de Hamlet: «Ser ou não ser». Tempo houve em que se ergueram vozes em favor do encerramento do banco. Mas eis que vossa excelência aparece à cabeça deste estabelecimento! Os vossos conhecimentos, energia, e tacto são a origem dum êxito extraordinário e do florescimento do banco. O prestígio do nosso banco... (tosse) O prestígio do nosso banco...

MERCHUTKINA (gemendo)— Oh! Oh!

TATIANA (gemendo)— Água! Água!

UM ACCIONISTA (prossequindo)— «O prestígio... (tosse) O prestígio do nosso banco foi levantado por vossa excelência a uma tal altura que, presentemente, a nossa instituição está em condições de competir com as melhores do estrangeiro...».

SHIPUCHIN — Delegação... reputação... ocupação... «Dois pombos amaram-se ternamente... O amor, o amor é uma criança mimalha que não obedece a ninguém...

O ACCIONISTA (Continuando, confuso)— Depois, lançando uma vista de olhos objectiva sobre a situação presente do nosso banco, nós, meu caro e estimado Andrei Andreievich... (baixa a voz) Acho que é melhor voltarmos noutra altura... Noutra altura... (Saem, confusos).